

Preserve o ecossistema digital!

N

o “mundo real”, como dizíamos na era pontocom, duas serão as principais preocupações macroecológicas nos próximos anos: o aquecimento do planeta e a falta de água. São questões assustadoras pelas quais a humanidade terá de evoluir para aprender a com elas lidar.

No “mundo virtual”, na world wide web, nesse mercado cada vez mais

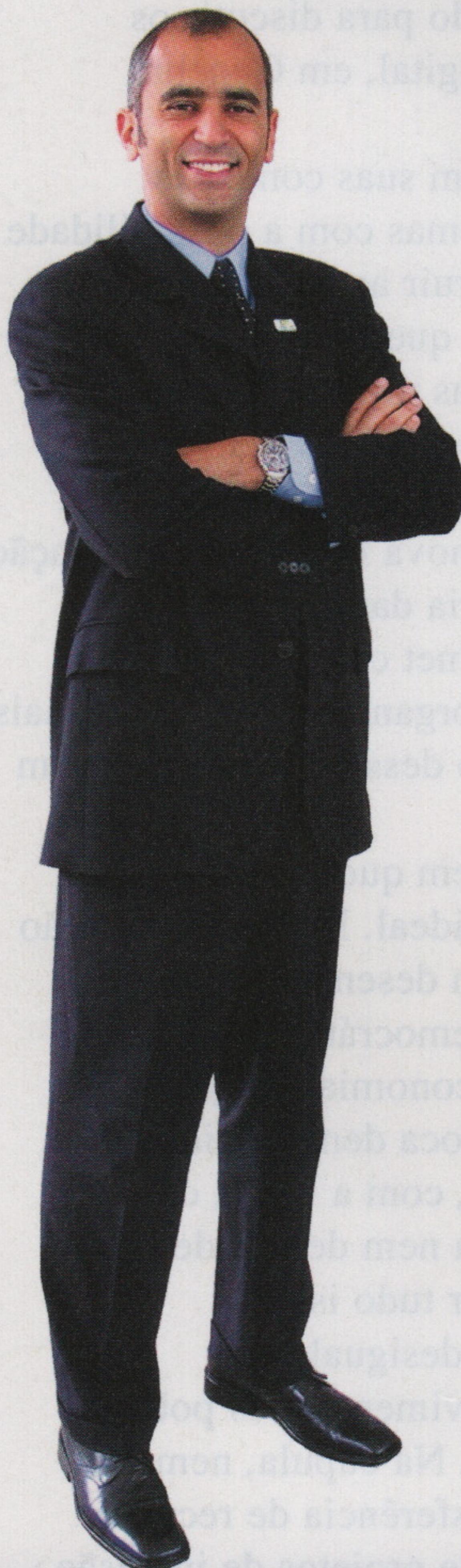


Foto: Eduardo de Souza

Cid Torquato é advogado e diretor-executivo da Câmara Brasileira de Comércio Eletrônico



cid.torquato@camara-e.net

conectado, interativo e em tempo real, a necessidade de preservação do ecossistema digital é tão ou mais vital que a do meio ambiente físico, embora, à primeira vista, este pareça bem mais catastrófico.

Nos dias de hoje, de forma crescente, toda a infra-estrutura e os serviços públicos fundamentais são geridos e controlados, quando não também disponibilizados, por meio de sistemas baseados nas tecnologias da informação. Não é à toa que o falcão do militarismo norte-americano, secretário Donald Rumsfeld, vem insistindo em ampliar investimentos em tecnologia, visando a combater guerras que serão mais e mais travadas no ciberespaço.

As debilidades da dimensão analógica são potencializadas no universo digital. Moore virou lei ao prever que os computadores dobrariam suas performances a cada 18 meses. O que se sintoniza com Metcalf, para quem cria-se valor exponencial toda vez que alguém se conecta à rede. Toda essa exponencialidade, contudo, também se traduz na própria fragilidade de todo o sistema.

Preservar o ecossistema digital, antes de mais nada, quer dizer mudar paradigmas estabelecidos sobre segurança e quem por ela é responsável. No mundo em rede, o usuário não é hiposuficiente como o consumidor, pois cada terminal é um ponto de vulnerabilidade sistêmica, e zelar pela segurança comunitária é responsabilidade e dever de cada um.

Como para as atividades lícitas, a internet representa melhor comunicação e mais eficiência, transparência, produtividade e competitividade também para o empreendedorismo ilegal, imoral ou

antiético. Spam, fraudes, estelionatos, contrabando, sonegação, pedofilia, apropriação, furto, violações de privacidade, propriedade intelectual e de imagem são alguns dos problemas sérios que terão de ser coibidos eletronicamente. Mas os mais antenados também já vêm se precavendo contra nada mais nada menos do que o ciberterrorismo, que, atingindo infra-estruturas e serviços essenciais, pode, inclusive, induzir catástrofes mais arrasadoras que as naturais.

Crescem expertise e tecnologias em segurança preventiva, ergonomia, rastreamento e computer forensics, mas continuará sempre o desafio de detecção de novos ataques e novas técnicas. Pois, tremendo é o poder conferido aos mal-intencionados pela combinação de automação, ação a distância e disseminação real time, com a agravante de muitos países ainda não deterem capacidade coercitiva para inibir e punir exemplarmente os infratores.

O que fazer sobre tão grave questão?

Fácil não será. Há muitas frentes de ação. Uma delas, com certeza, é redefinir as instituições e mecanismos de governança da rede, que, hoje, vivem um impasse, tanto no Brasil como no mundo, com o sistema implementado pela ONG norte-americana ICANN. Mas, talvez, o mais importante seja ampliar a educação e a conscientização sobre o tema, mostrando a toda a sociedade que as questões acima, principalmente segurança e privacidade de dados, dizem respeito a grandes instituições e usuários da internet, claro, mas também a quem usa telefone, celular, serviços financeiros, cartões de crédito e, direta ou indiretamente, os serviços públicos em geral. Essa é uma preocupação *erga hominis*: Preserve o ecossistema digital!